

Vida (im)possíveis entre o clínico e o pedagógico: 60 anos de o Nascimento da Clínica de Michel Foucault

Maura Corcini Lopes¹
Universidade Vale do Rio dos Sinos/CNPQ
maura@unisinos.br

Alexandre Filordi de Carvalho²
Universidade Federal de Lavras/CNPQ
alexandrefilordi@ufla.br

Françoise Delaporte (2015, p. 1517), nas notas acerca de *O nascimento da clínica: uma arqueologia do olhar médico*, publicadas nas *Œuvres Complètes* de Michel Foucault da *Bibliothèque de la Pléiade*, com certa ousadia, mas não de modo equivocado, ressalta que “*O nascimento da clínica* é sem dúvida o primeiro livro que Foucault consagrou à força do verdadeiro e às relações pelas quais os homens se envolvem pouco a pouco na e pela manifestação do verdadeiro”. O que apenas anos posteriores seria possível enxergar como temática central em Foucault, os jogos de verdade na relação direta com a constituição de nossa subjetividade, estaria, desde longe, nas condições em que a clínica médica também lançou sobre nós as condições pelas quais a finitude humana pudesse ser amarrada nas camas dos poderes médicos.

“Por que a verdade precisa ser desejada e querida?”, haveria de indagar Foucault em um registro datado de 2 de abril de 1961, podendo ser encontrado em um dos cadernos na Biblioteca Nacional Francesa (NAF 28730, caixa XCI). Tal indagação circunscreve-se aos anos precedentes da escrita desta obra cujos 60 anos de publicação celebramos em 2023. Tomada como entrada analítica, tal frase sublinha o escopo da história do olhar médico transformado em experiência fundamental do que somos e fazemos com a vida. Vida que se (ex)põe à clínica, embora a ela também possa ser oposição. De todo modo, a nossa entrada no umbral moderno da clínica médica chancelou a clinicalização da existência e sua medicalização, circunscrevendo, em espaços ilimitados e abertos, as experiências subjetivas a um patamar aceitável ao próprio perfil

¹ Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, Brasil.

² Universidade Federal de Lavras, Lavras, Minas Gerais, Brasil.

perceptível e enunciável do que o olhar médico pre(vê). Trata-se da normalização da vida cujo pragmatismo é intransigente com outras vitalidades capazes de manifestar verdades outras. Mas seria possível desejar e querer outra verdade para a clínica? Mas outra verdade não suporia a dissolução da clínica? Talvez, ao menos, da clínica como vontade de verdade dogmática ou distante de áreas de conhecimento e de saber, movidas por práticas outras, inclusive a educação, incitadas a ir além dos destinos cristalizados pelo desejo de normalização clínica.

Enquanto mais recentemente as pesquisas na seara foucaultiana acabaram privilegiando as publicações dos cursos ministrados no *Collège de France*, dado o caráter inédito de seus teores, não nos demora, porém, a lembrar o lugar consagrado de suas obras publicadas em vida. Após os 60 anos da publicação de *O Nascimento da clínica*, objetiva-se neste dossiê não apenas problematizarmos as consequências de nossa entrada na Modernidade clínica, mas também dar a conhecer ao público o quanto esse texto é crucial para a compreensão dos desafios, das tensões, dos limites e das urgências do mimetismo dos padrões forçados para a vida, com seus rituais popularizadores de autoconformação à clínica vigente. Ir até às últimas consequências do que isso representa para o campo da educação geral e da educação inclusiva, para as diferenças e suas singularidades, para os componentes de territórios existenciais resistentes à doxa da normalização está também no horizonte.

Para tanto, o marcador analítico deste dossiê perpassa a relação do clínico com o pedagógico na medida em que o avanço do “olhar médico” tem colonizado vidas de modo precoce e determinado experiências pedagógicas pautadas pela normalidade clinicamente definida. Daí, cumpre-nos indagar: por que as verdades clínicas são desejadas para a educação? Como se atualiza o “olhar médico” nas formas de constituição dos sujeitos, principalmente daqueles cuja forma de vida se confrontam com a normalidade instituída? Que vidas (im)possíveis estariam nas franjas relacionais da clínica e da pedagogia, de modo específico, e que consequências analíticas poderiam ser eivadas, de modo geral, para a educação?

Entre as muitas perspectivas a ganhar contorno sob tal arcabouço, os textos selecionados para comporem o presente dossiê elencam algumas delas visando à problematização da emergência dos discursos clínicos e seus efeitos na constituição das formas possíveis de ser dos sujeitos, sempre sob o contraste das relações de saber-poder da clínica. Os autores e as autoras dos artigos que integram este dossiê interrogam a clínica e as condições históricas de sua emergência, suas pervasividades discursivas e atualização, tensionando com e desde a relação filosófica, educacional e sociológica, a naturalização da normalidade, das bases da emergência da biopolítica, da medicalização, do sofrimento, das práticas gestoras sobre a vida, das políticas de inclusão e sucessivamente. Com foco na Educação, o dossiê coloca em circulação reflexões que permitem ver os saberes clínicos determinando e naturalizando a (a)normalidade e, não menos importante, sendo decisivos para a produção de bases políticas e pedagógicas da inclusão de tipos humanos na escola.

Formado por 11 textos — escritos por uma rede de pesquisadores de 16 universidades distintas —, sendo 8 de autores nacionais e 3 de autores internacionais, representando 4 estados brasileiros de 4 regiões e três países latino e sul-americanos (México, Argentina e Chile), o dossiê abrange abordagens profícuas para a compreensão da ampliação crítica acerca dos saberes clínicos. Situando a educação como eixo privilegiado das análises, em outro nível, acaba abrangendo outras práticas e experiências cujos alcances

sobre a população são cada vez mais acentuados, uma vez que nós todas somos pessoas situadas em populações esquadrihadas, cada vez mais mapeadas, sob vigilância, a fim de fazer verter seus sofrimentos, necessidades e demandas aos dispositivos de normalização a ser investidos pela medicalização incontornável.

O texto, intitulado *Escola, normalidade e sofrimento* de Maura Corcini Lopes (UNISINOS) e Alfredo Veiga-Neto (UFRGS), apresenta um mapa da produção foucaultiana para se contextualizar o livro *O Nascimento da Clínica* na obra do autor. Além disso, permite visualizar as emergências de ferramentas teórico-metodológicas em evidência ao longo do período de 1954 até 1984, ano de morte de Michel Foucault. Ademais, o texto foca a (a)normalidade, o sofrimento e a medicalização crescentes em nossa sociedade e em destaque na escola, gerando medo do outro e o descontrole do sofrimento no presente.

O dossiê também traz o texto de Alexandre Filordi de Carvalho (UFLA) e Silvio Gallo (UNICAMP): *Anarquizar a clínica em defesa de outras vidas para a educação*. Nele, os autores tensionam, pensando a educação, as relações entre a clínica e a biopolítica. Ao construírem a hipótese, a partir de *O nascimento da clínica*, de que a experiência da doença na clínica se desenvolveu de maneira paralela e atravessada por condições históricas e críticas específicas a uma determinada concepção de vida, os autores propõem — inspirados nas aulas ministradas por Foucault, nos anos de 1980 — “anarquizar” as bases da clínica, a fim de chamarem a atenção para outras vidas possíveis, forjadas em meio a resistências. O texto provoca a pensar em uma necessária “atitude de desconfiança” ao poder em sua origem mesma de normalização.

Quando os cadáveres falam o silêncio da educação: derivas errantes para retrair os deslocamentos críticos de Michel Foucault é escrito por Alexandre Simões de Freitas (UFPE) e Adalgisa Leão Ferreira (UFPE). O artigo tem como hipótese que a clínica, nos estudos foucaultianos, permaneceu uma noção enigmática, mas que, no entanto, não deixou de produzir uma doxologia normativa ao seu redor. Não à toa, o autor e a autora tomam a pandemia da Covid-19 a fim de problematizarem a morte como uma política de verdade normativa, explicitando que as teorias críticas, no campo da Educação, “seguem alguém da experimentação da vida como agenciamento e relação.”

Ana Maria Valle Vázquez (UNAM) e Marco António Jiménez García (UNAM) provocam-nos a pensar os discursos médicos sobre a saúde e a enfermidade na era da Inteligência Artificial (IA). Intitulado *El discurso médico sobre la enfermedad y la salud en la era de la Inteligencia artificial*, o artigo aborda temática atual e ainda pouco explorada, embora já em evidência, no campo da Saúde e da Educação. Partem do pressuposto que a IA está sendo utilizada como uma maneira de resolver problemas sociais, desde seus usos nos organismos, refundando outros condicionantes para a normalização clínica. Também assumem que os discursos sobre a IA, juntamente com outros que perfazem o campo da clínica, geram diferentes condições de possibilidades para a compreensão da IA como uma matriz fundacional de novos modos de existência e de verificação.

O artigo intitulado *Entre políticas educacionais e regimes discursivos do campo clínico, a criação de outros possíveis para habitar a escola*, sob a lavra de Eliana Pereira de Menezes (UFSM) e Graciele Marjana Kraemer (UFRGS), aborda as políticas educacionais e os regimes discursivos compositivos do campo clínico para colocar em questão a defesa da criação de outras formas possíveis de habitar a escola.

Dessa maneira, sustentam ser a escola espaço possível de resistência inventiva e de experiência de singularidade, o que convoca forçosamente a revisão crítica dos imperativos dos regimes discursivos do campo clínico que assombram a escola contemporânea.

A clinicalização da existência: problematizações e atualizações acerca do olhar médico sobre o público da Educação Especial escrito por Kamila Lockmann (FURG) e Rejane Ramos Klein (UFRGS) visa problematizar os deslocamentos ocorridos nos saberes médicos sobre classificações e produções diagnósticas das pessoas com deficiência. Para tanto, ao analisarem manuais, tais como DSM-5, CID-10, CIF e IFBr-M, argumentam que embora se perceba deslocamentos nas formas de descrever as pessoas com deficiência, os saberes médicos seguem produzindo classificações que pautam formas de existência individuais. Argumentam, também, que mesmo que se reconheça tal forma de existência, os sujeitos resistem criando formas outras de existir.

Ao assumirem a inclusão como um imperativo de Estado, dizendo que este aproximou a escola dos saberes da clínica a partir da inserção de estudantes com deficiência no ensino comum, Patrícia Gräff (UFFS) e Tânia Zancanaro Pieczkowski (UPF), no texto *A clínica na condução de práticas escolares*, possuem como objeto de reflexão os saberes sobre os modos de escolarização na contemporaneidade. Elas fazem uso do conceito de normalização para analisarem documentos que permitem afirmar que a busca de diagnósticos médicos para a definição do público da Educação Especial individualiza o atendimento dos estudantes públicos-alvo da Educação Especial e do Atendimento Educacional Especializado, alijando os mesmos dos processos coletivos comuns à escola.

No artigo *El lado b del etiquetamiento. Lecturas foucaulteanas de discapacidad y certificación* Cintia Schwamberger (LICH-UNSAM-CONICET) e Silvia Grinberg (LICH-UNSAM-CONICET) aportam contextos da pobreza urbana vividos na Região Metropolitana de Buenos Aires para o presente dossiê. Elas analisaram políticas de inclusão que focam na gestão dos processos de certificação da deficiência nas escolas localizadas na referida região. Ao posicionarem a certificação no centro argumentativo do texto, espécie de carimbo garantidor da normalização, mostram que a certificação constitui uma condição de passagem para uma vida socialmente válida. De igual modo, evidenciam que o que denominam de “o lado b” dessa vida socialmente aceita é o reverso cruel dos processos de normalização.

Outra proposta é a de Pedro Angelo Pagni (UNESP) e Vanessa Regina de Oliveira Martins (UFSCAR). Com o texto intitulado de *Corpo, clínica e educação inclusiva: da clinicalização à visibilização da deficiência*, instigam-nos a pensar a clínica na constituição da Educação Especial brasileira e na educação inclusiva. Nesse contexto argumentativo, o autor e a autora, desafiam a pensar a diferença e fazer dela recepção da singularidade humana que afrontam a normalização clínica. Trata-se de, genealogicamente, investigar em que medida em especial os corpos deficientes, para além desse seu registro, não provém forças afirmativas de sua singular existência, inscrevendo sobre si as diferenças diante da sanha normalizadora.

Lucyenne Matos da Costa Vieira-Machado (UFES) e José Raimundo Rodrigues (Escola Pró-Vitória) contribuem com o artigo: *Educação de surdos: da pedagogia à medicina nas deliberações dos congressos de professores de surdos no final do século XIX*. Nele, evidenciam-se como a medicina e a pedagogia juntas podem definir um grupo específico da população como capaz de ser descrita e educada. Tal fusão da clínica

com a pedagogia determinara parte das condições tanto para a definição dos sujeitos dentro de um recorte restrito de normalidade quanto as práticas educacionais reabilitadoras a que estes eram submetidos. A dimensão histórica aqui é recepcionada no sentido próprio de Foucault: dá o que pensar acerca de como chegamos aqui fazendo o que fazemos, pensando o que pensamos e sendo o que somos.

Por fim, nesta apresentação, o artigo intitulado *El despliegue del TDAH en la nueva disciplina escolar: resultados de una etnografía*, escrito a oito mãos chilenas por Verónica López (PUC Valparaíso), Andrea Ceardi (PUC Valparaíso), Cristopher Yáñez-Urbina (PUC Valparaíso) e Sebastián Ortiz (UPLA), problematiza como a medicalização da pessoa com Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) se converte em uma prática de in/exclusão escolar. Para tanto, os autores e as autoras focam na análise do diagnóstico de TDAH na reorganização de discursos que circulam em uma escola localizada no Chile — escola reconhecida por suas práticas disciplinares punitivas —, possibilitando distintas rotas de in/exclusão.

Nesse horizonte rico e instigante que se descortina para nós, ao comemorarmos os 60 anos da obra *O Nascimento da Clínica*, é possível dizer que Michel Foucault — em parte pelo método que o fez transformar a clínica em uma experiência histórica que abarca normativas, saberes, relações de poderes e formas de ser dos sujeitos — segue sendo atual em sua maneira de inspirar o fazer pesquisa e circunscrever determinadas experiências analíticas. Para o campo da Educação, embora o filósofo não tenha se dedicado a pensá-lo diretamente, suas contribuições continuam sendo atuais na sua vastidão sempre a ser explorada, pois está no centro de suas preocupações as práticas pelas quais nos tornamos certos sujeitos históricos e não outros. Dito de outra maneira, as práticas postas em ação para educar os sujeitos são objetos de interesse de pesquisadores e pesquisadoras que buscam entender *como nos tornamos o que somos*.

E não poderíamos deixar de mencionar, a clínica é um foco de experiência incontornável de nosso modo de ser, com toda a dimensão a qual nos convida a revê-la constantemente. O que está em questão, ao cabo, é que sua presença marcante nas experiências e nos saberes educacionais remarcam o que Foucault (2004, p. 219) destacou nas páginas finais de *O nascimento da clínica*: “começamos apenas a desembaraçar alguns de seus fios que nos são ainda tão desconhecidos que os tomamos de bom grado como maravilhosamente novos ou absolutamente arcaicos”.

Referências

DELAPORTE, François. Notice. Naissance de la clinique. In. Michel Foucault. Œuvres I. Paris: Gallimard, 2015, p. 1513-1525.

FOUCAULT, Michel. O nascimento da clínica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

Submetido: 10/11/2023

Aceito: 10/11/2023